

Antropologia: um desafio para a educação e o desenvolvimento humano*

Christoph Wulf^{I,II}

<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/268330441>

Resumo

Objetiva contribuir para a análise da relação entre antropologia, educação e desenvolvimento humano e aborda amplos panoramas do conceito de antropologia histórico-cultural. A antropologia inclui quatro paradigmas: o processo de hominização, o filosófico, o histórico e o cultural. Tais paradigmas correspondem a duas tendências contraditórias de desenvolvimento na globalização atual: uma é direcionada à uniformização, enquanto a outra se volta aos limites desse desenvolvimento e acentua as condições de diversidade cultural. Há uma dupla historicidade e culturalidade na antropologia que surge da historicidade e culturalidade das diferentes perspectivas de pesquisadores antropológicos e do caráter histórico-cultural dos conteúdos e dos temas de pesquisa. A relação entre pesquisa de uma única disciplina, interdisciplinar e transdisciplinar é uma questão fundamental na antropologia. Enquanto há muitas abordagens possíveis, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, como formas de organização, são particularmente adequadas para a pesquisa no campo da antropologia.

Palavras-chaves: antropologia histórico-cultural; desenvolvimento humano; transdisciplinaridade; historicidade; culturalidade.

* O artigo original foi publicado em inglês pela revista *Cursiv*, n. 16, p.15-28, 2015. A tradução para o português foi feita por Andreza Jesus Meireles.

^I Freie Universität Berlin, Berlin, Alemanha. *E-mail*: <chrwulf@zedat.fu-berlin.de> <<http://orcid.org/0000-0003-1600-8958>>.

^{II} Professor de Antropologia e Filosofia da Educação no Departamento de Educação e Psicologia da Freie Universität Berlin, Berlin, Alemanha.

Abstract

Anthropology: a challenge to education and human development

This article is intended as a contribution to the analysis of the relationship between anthropology, education and human development. It develops broad outlines of the concept of historical and cultural anthropology. It no longer seems meaningful to limit anthropology or ethnology. Anthropology includes four paradigms: the process of hominization, the philosophical, the historical and the cultural ones. These paradigms correspond with two contradictory developmental trends in today's globalization. One of which is oriented toward a "uniformizing" globalization, while the other points toward the limits of this development and stresses the conditions of cultural diversity. There is a dual historicity and culturality in anthropology that arises from the historicity and culturality of the different perspectives of anthropological researchers and from the historical and cultural character of the contents and subjects of research. The relationship between single-discipline, interdisciplinary and transdisciplinary research is a fundamental issue in anthropology. While there are many different possible approaches, interdisciplinary and transdisciplinary forms of research are particularly suitable in the field of anthropology.

Keywords: historical cultural anthropology; human development; transdisciplinarity; historicity; culturality.

De acordo com Kant (1982), a situação humana é: o que os seres humanos são depende do que eles devem ser e do que eles podem ser. Os seres humanos não são nada por si sós e devem fazer de si aquilo que são e transformar a si mesmos em quem devem se tornar; ao fazerem isso, frequentemente se lançam contra seus próprios limites. O estudo e a categorização dessas relações e interconexões constituem a finalidade da antropologia pragmática (Kant, 1982). Em contraste à antropologia fisiológica, a qual examina as condições biológicas da existência humana, a antropologia pragmática estuda o campo da ação e da liberdade humana. Se desejamos alcançar esse objetivo propriamente, é necessário, antes de tudo, esclarecer as questões: o que entendemos por antropologia atualmente? Qual significado o termo tem para a humanidade? A nosso ver, a antropologia hoje só pode ser desenvolvida dentro de um quadro de estudo histórico, cultural e filosófico dos seres humanos, ou seja, como antropologia histórico-cultural. Esta deve ser guiada por uma reflexão cuidadosa sobre a maneira como a antropologia possa ser conduzida após a "morte de Deus" (Nietzsche em *Die Fröhliche Wissenschaft*), isto é, no despertar do desaparecimento da antropologia universal, e após a "morte do homem" (Foucault em *Dits et Ecrits*), no sentido daquele ser masculino abstrato e europeu, o qual serviu como molde para conceituar o indivíduo.

Paradigmas antropológicos

Se desejamos colocar a epistemologia da antropologia numa posição de reflexão mais aprofundada, então uma confrontação crítica e construtiva entre os paradigmas antropológicos, internacionalmente significativos, é absolutamente indispensável (Wulf, 2013a). Quando falamos sobre a antropologia nas humanidades e nas ciências sociais, estamos referindo-nos a:

- processo de evolução e hominização;
- antropologia filosófica desenvolvida na Alemanha;
- antropologia histórica e história das mentalidades, iniciada por historiadores na França e fortemente influenciada pela Escola dos Annales;
- tradição americana da antropologia cultural; e
- antropologia histórico-cultural.

Com o intuito de fornecer um quadro para a antropologia, sugiro que usemos o paradigma da antropologia histórico-cultural como base para pesquisas futuras. Tal paradigma integra perspectivas dos outros quatro paradigmas antropológicos principais a serem descritos nas seções seguintes e fornece fundamento para se entender adequadamente os fenômenos, os processos e as instituições num mundo globalizado.

Processo de evolução e hominização

O ramo da antropologia dedicado ao estudo da hominização deriva de uma tentativa de encaixar a história natural dos seres humanos no horizonte da antropologia, com o intuito de se compreender o “paradigma perdido” – o humano (Morin, 1973). Por outro lado, a história natural da evolução humana só pode ser compreendida quando considerada como parte da história. Sua irreversibilidade, bem como a da própria história da vida, é entendida atualmente como uma consequência da auto-organização material, que também representa uma faceta da antropologia histórico-cultural reflexiva. Assim como a antropologia enfatiza o caráter histórico da forma como molda seus problemas e suas análises, a teoria da evolução insiste numa “cronologização” radical da natureza e da história natural de desenvolvimento dos seres humanos – tendo o tempo e a história como as dimensões centrais. A hominização é um processo longo de evolução, do *Australopithecus* ao homem primitivo, do *Homo erectus* aos representantes modernos de nossa espécie, que pode ser compreendido como uma morfogênese multidimensional que surge da interação entre fatores ecológicos, genéticos, cerebrais, sociais e culturais. O entendimento vigente é que esse processo requereu três tipos de mudanças iniciais: a ecológica, que levou à expansão da savana e, conseqüentemente, a um biótopo “aberto”; a genética, que ocorreu nos primatas altamente desenvolvidos,

os quais já andavam em posição ereta; e a mudança na autorreprodução social, devido à separação de grupos jovens e ao uso de novos territórios.

Os novos biótopos que resultaram da expansão da savana levaram a aumentos significativos quanto à destreza e às habilidades de comunicação para as formas de vida bípedes, já capazes de fabricar e usar ferramentas simples. Esses homínídeos que se tornaram onívoros tiveram de desenvolver novos níveis de estado de alerta, vigilância e astúcia para lidar com as demandas da caça. Eles precisaram de novas formas de cooperação e responsabilidade social para se protegerem contra predadores, para a busca de comida, para a caça e divisão da presa e para a criação de seus filhos. Isso ocasionou um desenvolvimento adicional das capacidades cerebrais, sendo, portanto, o novo ecossistema – a savana – responsável por desencadear a dialética entre os pés, as mãos e o cérebro, além de ser fonte de tecnologia e de outras evoluções humanas.

À medida que esses processos se desdobravam, uma paleo-sociedade se desenvolveu com uma cultura baseada na divisão de trabalho entre homens e mulheres e com relações sociais hierárquicas. Linguagem e cultura se tornaram gradualmente mais complexas. O processo de hominização foi intensificado por uma juventude prolongada ou neotenia, por um desenvolvimento incompleto do cérebro no nascimento e pelo prolongamento da infância, com laços afetivos mais duradouros entre gerações e com potenciais associados a um aprendizado cultural abrangente. A cerebração, a juventude prolongada e o aumento da complexidade sociocultural foram mutuamente dependentes, visto que a complexidade do cérebro requer uma complexidade sociocultural correspondente, de modo que a criatividade potencial do cérebro só pode ser expressa e desenvolvida num ambiente sociocultural que cresça paralelamente. Essa relação dialética denota que os humanos têm sido seres culturais desde o princípio, isto é, seu desenvolvimento “natural” é cultural.

O estágio final desse processo de hominização é, de fato, também um começo. A espécie humana, a qual alcançou seu completamento no *Homo sapiens*, é juvenil e infantil, nossos cérebros brilhantes seriam órgãos fracos sem o aparato da cultura, todas as nossas capacidades precisam ser nutridas. A hominização integrou-se com a incompletude criativa irreversível e fundamental dos seres humanos. Seu curso também ilustra que o *Homo sapiens* e o *Homo demens* estão inseparavelmente ligados e que as grandes realizações da humanidade têm seu lado negativo: os horrores e as atrocidades perpetradas pela raça humana (Wulf, 2013a, 2013b).

Antropologia filosófica

Se, por um lado, a evolução na antropologia serve para destacar a linhagem compartilhada e o parentesco mútuo de todas as formas de vida, o longo período de hominização e as leis gerais da evolução; por outro, a antropologia filosófica se volta à particularidade do caráter do “homem”. As peças centrais da antropologia filosófica são os trabalhos

de Max Scheler, Helmuth Plessner e Arnold Gehlen. Apesar de diferenças consideráveis entre eles, suas obras da primeira metade do século 20 se referem coletivamente à antropologia filosófica. O propósito comum dos autores era estabelecer como os seres humanos se diferenciam dos animais e as condições específicas daqueles, bem como definir a condição humana. Apesar de suas distinções, os três concordavam que o foco central da antropologia é o corpo humano, por si só ponto de partida para diferenciar os humanos dos animais. Numa época em que os humanos se depararam com sérias dúvidas sobre si mesmos e estavam conscientes disso, esperava-se que, ao se focalizar o corpo, o conhecimento adquirido das ciências naturais pudesse servir como início para uma revalidação da natureza humana. Essa orientação estava associada à rejeição do idealismo e à filosofia da consciência. A filosofia não estava mais interessada na razão, mas sim na diversidade criativa da vida.

Em 1927, Max Scheler deu uma palestra em Darmstadt, intitulada *Die Sonderstellung des Menschen (Man's particular place)*,¹ que foi publicada em 1928 sob o título *Die Stellung des Menschen im Kosmos* (Scheler, 2009), considerada marco da antropologia filosófica. Quando Scheler morreu naquele mesmo ano, não havia deixado material concreto preparado para o trabalho antropológico que tinha intenção de publicar em 1929. Por sua vez, o filósofo e biólogo Helmuth Plessner publicou seu principal trabalho antropológico *Die Stufen des Organischen und der Mensch (Levels of Organic Being and Man)*² em 1928. Apesar das diferenças no material e nos argumentos, o artigo seminal de Scheler (2009) e o livro de Plessner (1928) compartilham o pressuposto de que a vida orgânica é estruturada em níveis. A obra de Arnold Gehlen (1988) – *Der Mensch, seine Natur und seine Stellung in der Welt (Man: His Nature and Place in the World)*³ – seguiu uma abordagem distinta e se concentra nos humanos enquanto seres atuantes.

A preocupação dessa vertente do pensamento antropológico era a de compreender a essência, a natureza dos seres humanos em geral. Dentro desse escopo, a antropologia focalizou a comparação entre “homem” e animal (Gehlen, 1988; Plessner, 1970), com o objetivo de distinguir características compartilhadas e diferenças. A fim de se compreender a *conditio humana*, reflexões filosóficas foram produzidas para incidirem sobre *insights* biológicos. Pensava-se que as condições para a formação da espécie humana poderiam ser vistas em características biológicas e, sobretudo, morfológicas. Essa perspectiva teve duas consequências: de um lado, o foco da reflexão antropológica e pesquisa voltou-se para o corpo humano; de outro, o desenvolvimento de um discurso generalizante relacionado a um modelo único de homem pôde ser observado. Enquanto este parece adequado ao atribuir características típicas a uma espécie, como a postura ereta, deixa de fazer sentido uma vez que essa focalização limitada é abandonada e a antropologia é expandida para acomodar a realidade histórico-cultural da existência humana.

Devido ao enfoque no ser humano como tal, a antropologia filosófica falha ao abordar a diversidade histórico-cultural dos humanos de forma plural. Essa é a consequência inevitável da tentativa interessante de se

¹ Tradução livre do título em alemão para o inglês, feita pelo autor (N.T.).

² Título da obra traduzida e publicada em inglês (N.T.).

³ Título da obra traduzida e publicada em inglês (N.T.).

desenvolver um único conceito coerente de “homem”, que fracassou ao captar a diversidade da vida humana e dificilmente alcançaria seus objetivos ambiciosos. Investigar a diversidade da vida humana é o objetivo de um ramo da ciência histórica, voltado às questões antropológicas.

A Escola dos Annales e a história das mentalidades

A antropologia passou por desenvolvimento adicional e refinamento, percebidos nos tratamentos históricos de tópicos antropológicos pela Escola dos Annales e na história das mentalidades que dela resultou (Burke, 1991; Ariès; Duby, 1985). Historiograficamente, esse alinhamento com temas e tópicos antropológicos denota uma orientação inédita, que promoveu representação e análise da dinâmica dos acontecimentos históricos e das condições socioeconômicas afetadas pela história socioestrutural.

A partir da focalização em temas e tópicos antropológicos, as investigações, de forma crescente, passaram a explorar estruturas sociais vigentes, assim como elementos subjetivos das ações do indivíduo social. Nesse sentido, tipos elementares de comportamento humano e situações básicas são analisados. Contrariamente às hipóteses que insistem que tais situações estejam enraizadas numa característica comum a todos os seres humanos, especialistas em estudos históricos com orientação antropológica investigam especificamente o caráter histórico-cultural de cada um desses fenômenos. Os estudos de Fernand Braudel (1949) sobre o Mediterrâneo, o de Emmanuel LeRoy Ladurie (1978) sobre a aldeia de Montaillou, e o de Carlo Ginzburg (1980) sobre o universo dos moleiros por volta de 1.600 podem ser citados como exemplos proeminentes desse esforço.

A pesquisa sobre experiências humanas fundamentais ou sobre a história das mentalidades, a qual foi realizada em conexão com esse momento histórico, é inevitavelmente menos rica em detalhes. Frequentemente, isso se deve às limitações que a insuficiência de fontes impõe às possibilidades de conhecimento histórico, que nasce da tensão entre evento e relato, realidade e ficção, história estrutural e historiografia narrativa (LeGoff, 1990). Delimitar precisamente a narrativa e a descrição é impossível: a historiografia representa tanto uma ficção controlada quanto uma reconstrução controlada.

A antropologia histórica investiga situações e experiências basilares do ser humano, um estoque essencial de padrões de pensamento, sentimento e comportamento que seja antropológicamente constante (Dinzelbacher, 1993), fenômenos humanos básicos e comportamento humano elementar. Embora pudessem ser entendidas de forma diversa, essas classificações não estão preocupadas em fazer declarações sobre seres humanos em geral, mas em produzir um entendimento das condições multidimensionais da vida e das experiências de pessoas reais nos seus respectivos contextos históricos. Esses estudos antropológicos são orientados à investigação das múltiplas maneiras com que as diferentes formas de vida humana são expressas e apresentadas.

Essa diversidade de fenômenos é igualada à multidimensionalidade e ao caráter aberto das definições antropológicas e dos paradigmas de pesquisa. Neste estudo, faz-se necessário desenvolver um sentido para a diferença entre o mundo histórico sob investigação e o quadro referencial atual; visto que metáforas linguísticas e termos têm significados distintos em momentos e em contextos diferentes, tais diferenças de sentido devem ser levadas em conta. O mesmo se aplica em relação à pesquisa sobre comportamentos humanos básicos, experiências e situações fundamentais. Do ponto de vista das ciências históricas, os sentidos, as ações e os eventos sob investigação só podem ser compreendidos em termos de sua singularidade histórica. É isso que concede a eles sua natureza dinâmica e que os torna sujeitos à mudança histórica.

Antropologia cultural ou etnologia

Apesar de a antropologia resultar de um processo de evolução filosófica e científica, esta não pode mais alegar que atualmente os europeus sejam o único critério possível. É óbvio que, mesmo numa era de globalização profundamente marcada pela cultura ocidental no seu conteúdo e forma, diferentes modos de vida humana existem hoje, influenciados por várias culturas locais, regionais e nacionais. A tradição anglo-saxônica da antropologia sociocultural voltou sua atenção para essa situação. Nesse referencial, a ênfase recai sobre a diversidade sociocultural da vida humana. Sua pesquisa explica tanto até que ponto as evoluções culturais são heterogêneas quanto a medida que a profunda diversidade da vida humana permanece ignorada. É justamente a análise de culturas estrangeiras que torna claro para nós quão limitada e problemática é essa negligência. A comparação de expressões humanas e manifestações em várias culturas tem demonstrado em qual grau o estudo de fenômenos culturais gera novas incertezas e dúvidas.

Graças à análise de manifestações culturais derivadas de culturas heterogêneas, as investigações antropológicas dão uma contribuição importante à elaboração e ao desenvolvimento da antropologia, enquanto seus métodos etnográficos compelem pesquisadores a recorrerem a fontes históricas. Além de criar uma sensibilidade ao caráter desconhecido e estrangeiro de outras culturas, a antropologia também cria uma sensibilidade àquilo que é estranho e estrangeiro dentro de sua própria cultura. O ponto de vista autorreflexivo adotado pela antropologia cultural em relação às culturas europeias contribuiu para uma evolução considerável e para o avanço do conhecimento antropológico (Geertz, 1973). Limitar a antropologia ou a etnologia não parece mais ser significativo, visto que a antropologia é uma ciência descentralizada, policêntrica em que os problemas de representação, interpretação, construção da desconstrução e diversidade metodológica são de importância central.

Antropologia histórico-cultural

A antropologia detém um potencial considerável para o desenvolvimento de novos modos de reflexão e de pesquisa. Isso implica uma oportunidade para libertar a pesquisa antropológica de tradições ultrapassadas da disciplina e para redefinir os horizontes dessa ciência. Nessa redefinição, as perspectivas universais que emergem da globalização se tornam cada vez mais importantes. Entre outras coisas, elas geraram críticas às tendências econômicas neoliberais que marginalizam a economia social de mercado e à tendência de muitas sociedades de se tornarem mais e mais parecidas. Na atualidade, trazer uma orientação global à antropologia significa abri-la à pesquisa em todas as sociedades e culturas do mundo e abordar a questão quanto às condições mais importantes de vida humana no futuro (Wulf, 2002, 2013a, 2013b).

A antropologia é uma ciência descentralizada, policêntrica em que problemas de representação, de interpretação, de construção da desconstrução e, também de diversidade metodológica são de importância central. Duas tendências contraditórias de desenvolvimento se chocam, sendo uma delas orientada para uma globalização “uniformizada”, enquanto a outra indica os limites desse desenvolvimento e acentua as condições de diversidade cultural. Esse desenvolvimento se reflete na antropologia, em que as tensões entre as declarações mais universais sobre os seres humanos e as que enfatizam a diversidade histórico-cultural aumentaram. Se entendermos a antropologia como uma *unitas multiplex*, ou seja, como uma ciência que reúne uma multiplicidade de disciplinas individuais, estaremos conscientes de que as diferenças epistemológicas e paradigmáticas na ciência do ser humano não podem ser excluídas, mas são, de fato, parte e parcela desta. A pesquisa antropológica deve, portanto, proceder a partir do pressuposto de que seus posicionamentos são relativos, sem dissolvê-los na arbitrariedade e aleatoriedade.

Além disso, a questão suscita se e como a antropologia está atrelada a valores e sua responsabilidade social e ética. Como exemplo, tem-se a pesquisa realizada por Gebauer e Wulf (1995, 1998), que está imbuída de valores dos direitos humanos, os quais estão delimitados parcialmente ao tempo e à cultura, bem como estão abertos à discussão.

Tendo em vista a fragmentação das disciplinas acadêmicas, a tarefa da antropologia, a nosso ver, deve ser a de contribuir para o entendimento entre as pessoas e para o processo de melhoria da compreensão entre indivíduos e povos nas diferentes partes do globo. Uma antropologia que assuma tal tarefa não pode, por definição, desenvolver uma abordagem sistemática de investigação das sociedades humanas e culturas, visto que a variedade e diversidade das disciplinas e dos paradigmas que têm relevância para essa pesquisa é muito ampla e pode e deve contribuir para uma interpretação de humanidade. Uma abordagem sistemática como essa seria tão abstrata que correria o risco de se tornar desprovida de qualquer conteúdo. Portanto, deve-se levar em conta o contexto histórico e cultural, e não buscar cobrir todo o campo de pesquisas possíveis.

Wulf *et al.* (2011) voltam sua pesquisa principalmente para a Europa Continental e a Alemanha, contudo evidenciam que os princípios e as perspectivas da antropologia histórico-cultural também podem ser aplicados a outras sociedades e culturas. Num dos seus projetos de pesquisa sobre a felicidade familiar, três equipes alemã-japonesas examinaram como famílias organizam e celebram o Natal (na Alemanha) e o Ano Novo (no Japão). Identificaram-se as condições histórico-culturais da felicidade familiar em ambos os países, além de vários elementos transculturais usados pelas famílias para expressarem e demonstrarem sentimentos de pertencimento, bem-estar e felicidade compartilhada (Wulf *et al.*, 2011). Por seu turno, os estudos *Images of the Body in India* (Michaels; Wulf, 2011), *Emotions in Rituals and Performances* (Michaels; Wulf, 2012) e *Exploring the Senses. Emotions, Performativity and Ritual* (Michaels; Wulf, 2013) revelam o que a cultura indiana e as culturas ocidentais têm em comum e o que as diferenciam nesses domínios. Os resultados desses estudos demonstram que, em culturas não europeias, a historicidade e a culturalidade são dimensões centrais da pesquisa antropológica. A partir do enfoque nessas dimensões, essa pesquisa traz importante contribuição ao entendimento dos seres humanos sobre si próprios no século 21.

Agora que a norma antropológica abstrata, que se centralizava principalmente em ideias, imagens, valores e normas da cultura europeia-americana, deixou de ser vinculativa, a antropologia constitui-se como tentativa de condução de pesquisa sobre fenômenos humanos no mundo globalizado. Consequentemente, a pesquisa antropológica não se restringe mais fundamentalmente a certas áreas culturais definidas ou a épocas individuais, seu objetivo é contribuir para um melhor entendimento e avanços nas explicações de fenômenos humanos e problemas no nosso mundo globalizado e, por consequência, um melhoramento na compreensão entre pessoas. Os debates acalorados acerca do envolvimento histórico de setores da antropologia com o colonialismo e o racismo, o problema de representação e a proporção em que o outro pode "retrucar" são evidências dos esforços para ampliar os horizontes da antropologia e abri-la a novas tarefas.

Há uma dupla historicidade e culturalidade na antropologia que surge a partir da historicidade e culturalidade de diferentes perspectivas de pesquisadores antropológicos e do caráter histórico-cultural dos conteúdos e tópicos de pesquisa (Wulf, 2006). A historicidade e culturalidade dos próprios antropólogos formam o contexto em que fenômenos e estruturas que surgiram num tempo ou em culturas diferentes são percebidos e investigados. Novas perguntas de pesquisa e metodologias se desenvolvem numa relação recíproca, à medida que pesquisadores refletem sobre essa dupla historicidade e culturalidade. Na pesquisa antropológica, é importante pensar a historicidade e culturalidade caminhando lado a lado e não uma contra a outra.

A abordagem à antropologia apresentada neste artigo emprega métodos tanto diacrônicos quanto sincrônicos, a fim de investigar as sociedades e culturas humanas (Wulf, 2013a). Além das questões antropológicas, da

hermenêutica e dos métodos de crítica textual das ciências históricas que são aplicados diacronicamente, a pesquisa de campo, com seus inúmeros métodos qualitativos e quantitativos, ainda desempenha um papel importante enquanto método de pesquisa antropológica síncrona (Wulf *et al.*, 2010). Os métodos interpretativos e reflexivos, em particular, oferecem a possibilidade de exprimirem perspectivas individuais e subjetivas.

Múltiplos projetos de pesquisa antropológicos são “inter” ou transdisciplinares e “multi” ou transculturais. Devido à sua natureza transdisciplinar, muitos estudos transcendem os limites das disciplinas tradicionais e produzem *insight* inédito ao examinarem novas perguntas e objetos de pesquisa, utilizando procedimentos originais e olhando para as coisas a partir de perspectivas singulares. A tentativa de incluir aspectos “multi” ou transculturais na pesquisa antropológica leva igualmente ao desenvolvimento de questões e perspectivas de pesquisa novas, as quais exercem um papel importante, particularmente, dentro do contexto de redes de pesquisa antropológicas internacionais.

Um desafio recente, negligenciado há bastante tempo por antropólogos, é a questão de como definir a relação entre *insights* gerais e *insights* específicos, relacionados aos seres humanos como indivíduos e aos seres humanos em geral. Enquanto na arqueologia, na antropologia biológica e na antropologia linguística é permitido fazer declarações universais a respeito dos seres humanos e da espécie humana, nas abordagens da antropologia histórico-cultural a ênfase recai mais na capacidade de usar métodos hermenêuticos para elaborar declarações complexas sobre fenômenos histórico-culturais particulares. Tais abordagens são voltadas para a investigação e para a garantia de diversidade cultural. Entretanto, mesmo quando nos preocupamos com a diversidade cultural, a questão que ainda persiste é a do que seja comum a todos os seres humanos. Em tempos de globalização, cresce a importância de a antropologia investigar a relação entre semelhanças e diferenças entre seres humanos, culturas e épocas históricas. Nesse contexto, a questão do papel da comparação na pesquisa antropológica tanto diacrônica quanto sincrônica adquiriu uma significância que precisa ser esclarecida urgentemente.

A nosso ver, o objetivo da pesquisa antropológica não é o de reduzir, mas sim o de aumentar a complexidade do nosso conhecimento sobre seres humanos. Isso requer interpretação, reflexão e autocrítica, além de uma crítica contínua, filosoficamente inspirada, da antropologia que inclua um exame dos limites fundamentais da autointerpretação humana. Em analogia à definição de “Deus” na teologia, fala-se em *homo absconditus*. Esse termo expressa a noção de que os *insights* antropológicos e achados só podem captar a condição humana em termos, isto é, a partir de várias perspectivas diferentes e, portanto, incompletas. A pesquisa antropológica situa-se geograficamente e está sujeita à mudança histórico-cultural. Seu ponto de partida é a vontade de imaginar ou de maravilhar-se com o mundo tal como ele é, e não o contrário. O maravilhamento (*thaumazein*) é o início de um fascínio com o mistério do mundo e com a curiosidade sobre as possibilidades do conhecimento antropológico.

Panorama

A relação entre pesquisa monodisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar é uma questão fundamental na antropologia. A abordagem escolhida pelo antropólogo tem vastas consequências sobre a maneira como os problemas são conceituados. A pesquisa antropológica pode ser conduzida por meio da metodologia monodisciplinar e da transdisciplinar. Há muitos exemplos do sucesso da primeira abordagem nos campos da história, das ciências sociais e da literatura. A segunda abordagem pode ser vista nos estudos *Logik und Leidenschaft* (Wulf; Kamper, 2002) e *Der Mensch und seine Kultur* (Wulf, 2010), bem como em outros projetos do Collaborative Research Centre "Performative Cultures". A qualidade da pesquisa antropológica não depende da forma como é conduzida. Alguns pesquisadores individuais têm obtido êxito no uso de métodos transdisciplinares em seus próprios campos de pesquisa altamente especializados.

Embora existam muitas abordagens possíveis, as formas de organização de pesquisas interdisciplinar e transdisciplinar são particularmente adequadas para a pesquisa no campo da antropologia. Especialistas de diferentes áreas colaboram com *expertise* derivada de diversas tradições científicas. Eles contribuem com descobertas, questões fundamentais, conceitos e metodologia de suas próprias disciplinas para a colaboração transdisciplinar. Desse modo, questões, conceitos e metodologias são desenvolvidos, os quais transcendem disciplinas científicas individuais, com o objetivo de se estabelecer um quadro de referência e de metodologia transdisciplinar. O estabelecimento bem-sucedido desse referencial permite que a pesquisa seja conduzida, o que seria difícil de ocorrer dentro do escopo de uma única disciplina.

A pesquisa transdisciplinar exige de pesquisadores capacidade de comunicação e habilidade para trabalharem com pares, além de requerer uma mente curiosa, o interesse em outros campos, a versatilidade e um desejo de considerar novas questões e pontos de vista. As habilidades de comunicação e de interação exigidas dos pesquisadores participantes são complexas e absolutamente essenciais para assegurarem os objetivos da pesquisa transdisciplinar.

Projetos de pesquisa multidisciplinares têm o objetivo principal de assegurar a colaboração das disciplinas científicas individuais. Nesse caso, os participantes apresentam a especialistas de outras áreas questões que surgem em seus próprios campos, na esperança de que o conhecimento específico àquela área proporcione novas formas de olhar para seus próprios problemas.

A pesquisa transdisciplinar, em outra perspectiva, busca descobrir e investigar questões que estejam na fronteira de uma disciplina particular, caracterizadas não tanto pelas tradições da própria disciplina quanto pelas constelações formadas por várias disciplinas interagentes. Muitos projetos de pesquisa antropológicos são desenvolvidos em tais contextos, especialmente quando o assunto não recai na alçada de uma única disciplina

e a pesquisa esteja investigando fenômenos, problemas e objetos que surjam de dentro e de fora dos limites estabelecidos a qualquer disciplina científica. Exemplos seriam temas como o corpo, os sentidos, a alma, o tempo, os rituais, o gênero e os meios de comunicação.

Essa perspectiva traz algumas consequências importantes: a pesquisa antropológica transdisciplinar transcende fronteiras e, por meio da aplicação de procedimentos que são usados em uma disciplina particular, métodos de trabalho transdisciplinares são desenvolvidos, os quais causarão mudanças duradouras em disciplinas individuais. Considerar a “diferença” de outras disciplinas é um elemento constitutivo da pesquisa transdisciplinar, que permite o desenvolvimento de novos temas, conceitos e métodos que desafiem e mudem o conhecimento estabelecido, além da pesquisa nas áreas individuais de investigação. Isso resulta em maior diversidade e complexidade: quanto mais radical for a seleção dos temas e dos processos metodológicos, menos previsíveis serão os resultados da pesquisa, o que é fundação para o caráter inovador de muitas investigações na antropologia histórica.

Muitas das questões analisadas na antropologia são tão complexas que não podem ser suficientemente exploradas por meio de abordagens de uma única disciplina. A pesquisa transdisciplinar ajuda a refinar a multidimensionalidade das questões em análise, a abordagem metodológica e a própria investigação. Em muitos casos, as diferentes capacidades dos vários domínios científicos podem ser combinadas para atingir o aumento desejado de complexidade. A pluralidade dos paradigmas científicos em análise resulta numa pesquisa complexa que se estende para além do âmbito de disciplinas isoladas. Se as culturas científicas de diferentes nações também impactam as disciplinas especializadas e os paradigmas científicos, tornando a pesquisa transnacional, há uma camada adicional de complexidade. A transdisciplinaridade, a diversidade de paradigmas e a transculturalidade estão aumentando a pluralidade e a complexidade da investigação antropológica.

Referências bibliográficas

ARIÈS, P.; DUBY, G. *Histoire de la vie privée*. Paris: Seuil, 1985. 5 v.

BRAUDEL, F. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: A. Colin, 1949.

BURKE, P. *The French historical Revolution: the annales school, 1929-89*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

DINZELBACHER, P. (Ed.). *Europäische Mentalitätsgeschichte: Hauptthemen in Einzeldarstellungen*. Stuttgart: Kroener, 1993.

GEBAUER, G.; WULF, C. *Mimesis: culture, art, society*. Berkeley: California University Press, 1995.

GEBAUER, G.; WULF, C. *Spiel, Ritual, Geste: Mimetisches Handeln in der sozialen Welt*. Reinbek: Rowohlt Taschenbuch, 1998.

GEERTZ, C. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Book, 1973.

GEHLEN, A. *Man: his nature and place in the world*. New York: Columbia University Press, 1988.

GINZBURG, C. *The cheese and the worms: the cosmos of a sixteenth-century Miller*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1980.

HÜPPAUF, B.; WULF, C. (Eds.). *Dynamics and performativity of imagination: the image between the visible and the invisible*. New York: Routledge, 2009.

KANT, I. *Schriften zur Anthropologie, Geschichtsphilosophie, Politik und Pädagogik 2*. Frankfurt: Suhrkamp, 1982.

LADURIE, E. L. R. *Montaillou: Cathars and Catholics in a French village, 1294-1324*. London: Scholar Press, 1978.

LEGOFF, J. (Ed.). *The medieval world*. London: Collins Brown, 1990.

MICHAELS, A.; WULF, C. (Eds.). *Emotions in rituals and performances*. London: Routledge, 2012.

MICHAELS, A.; WULF, C. (Eds.). *Exploring the senses: emotions, performativity, and ritual*. London: Routledge, 2013.

MICHAELS, A.; WULF, C. (Eds.). *Images of the body in India*. London: Routledge, 2011.

MORIN, E. *Le paradigme perdu*. Paris: Seuil, 1973.

PLESSNER, H. *Die Stufen des Organischen und der Mensch*. Berlin: W. de Gruyter, 1928.

PLESSNER, H. *Laughing and crying: a study of the limits of human behavior*. Evanston: Northwestern University Press, 1970.

SCHELER, M. *The human place in the Cosmos*. Evanston: Northwestern University Press, 2009.

WULF, C. *Anthropologie kultureller Vielfalt: Interkulturelle Bildung in Zeiten der Globalisierung*. Bielefeld: Transcript, 2006.

WULF, C. *Anthropology of education*. Münster: Transaction Pub, 2002.

WULF, C. *Anthropology: a continental perspective*. Chicago: University of Chicago Press, 2013a.

WULF, C. *Das Rätsel des Humanen*. Munich: Wilhelm Fink, 2013b.

WULF, C. (Ed.). *Der Mensch und seine Kultur*. Cologne: Anaconda, 2010.

WULF, C. et al. *Das Glück der Familie: Ethnographische Studien in Deutschland und Japan*. Wiesbaden: Sozialwissenschaften, 2011.

WULF, C. et al. *Ritual and identity: the staging and performing of rituals in the lives of young people*. London: Tufnell, 2010.

WULF, C.; KAMPER, D. (Eds.). *Logik und Leidenschaft: Erträge Historischer Anthropologie*. Berlin: Reimer, 2002.

Artigo submetido em 12 de fevereiro de 2016.

Artigo aprovado em 8 de março de 2016.